

escrita 5

guatá - cultura em movimento

palavra

Alexandre Palmar
Almandrade
Beth Vilasboas
Carlos Luz
Carol Miskalo
Fábia Tonin
Fernanda Laborde
Maria Izabel Leão
Mônica Venson
Silvio Campana
Vanessa Silva
Zé Beto Maciel
Wermerson Augusto

olhos

Áurea Cunha
Burton Holmes
Cezar Koyama
Fernando Brás
João Albuquerque
Lalan
Maria Angélica Chiang
Maria Isabel Molina
Mirian Takahashi
Natália
Rogério Silva
Sabrina Bomdia
Sheila Thomsen
Silvio Campana
Walpi



Traduzir a identidade

multifacetada da tríplice fronteira,
celebrar o sentido de pertencimento
neste canto do mundo e cerrar
fileiras na defesa da arte, da memória
e da leitura como ferramentas de construção
de cidadania e de humanidade.
Este compromisso resume a existência
do www.guata.com.br, o portal na Internet
da Associação Guatá - Cultura em Movimento.

**Artes, memórias,
linguagens e leituras.
No plural!**

Seja bem-vindo!

“
Brilhar pra sempre
Brilhar como um farol
Brilhar com um brilho eterno
Gente é pra brilhar
Que tudo mais vá para o inferno
Este é o meu slogan
E o do sol.

(Maiakóvski)

Aguce os sentidos. Acesse cultura!

www.guata.com.br

que preto, que branco, que índio o quê?
que branco, que índio, que preto o quê?
que índio, que preto, que branco o quê?
que preto branco índio o quê?
branco índio preto o quê?
índio preto branco o quê?
aqui somos mestiços mulatos
cafuzos pardos mamelucos sararás
crilouros guaranisseis e judárabes
orientupis orientupis
ameriquítalos luso nipo caboclos
orientupis orientupis
iberibárbaros indo ciganagôs
somos o que somos
inclassificáveis
não tem um, tem dois,
não tem dois, tem três,
não tem lei, tem leis,
não tem vez, tem vezes,
não tem deus, tem deuses,
não há sol a sós
aqui somos mestiços mulatos
cafuzos pardos tapuias tupinamboclos
americanataís yorubárbaros.
somos o que somos
inclassificáveis
que preto, que branco, que índio o quê?
que branco, que índio, que preto o quê?
que índio, que preto, que branco o quê?
não tem um, tem dois,
não tem dois, tem três,
não tem lei, tem leis,
não tem vez, tem vezes,
não tem deus, tem deuses,
não tem cor, tem cores,
não há sol a sós
egipciganos tupinamboclos
yorubárbaros carataís
caribocarijós orientapuias
mamemulatos tropicaburés
chibarrosados mesticigenados
oxigenados debaixo do sol



Cataratas do Iguazu

Fotografada pelo cineasta norte-americano **Burton Holmes**, em meados de 1917, quando de sua expedição pela América do Sul.

escrita 5

- 03 - Tirando de Letra - Arnaldo Antunes
- 04 - OLHOS - Burton Holmes
- 06 - Poesia - Mônica Venson
- 07 - OLHOS - Mirian Takahashi
- 08 - O menino da foto - Alex Palmar
- 09 - OLHOS - Marcos Labanca
- 10 - OLHOS - Rogério Silva
- 11 - Poesia - Carlos Luz
- 12 - Poesia - Carol Miskalo
- 13 - OLHOS - Sabrina Bomdia
- 14 - O grande encontro - W. Augusto
- 16 - Às margens do rio - Beth Vilasboas
- 17 - OLHOS - Lalan
- 18 - Educomunicação - Izabel Leão
- 20 - E' Guatá - Jardim dos beija-flores
- 22 - Candidato - Silvio Campana
- 25 - OLHOS - Cezar Koyama
- 26 - Poesia - Vanessa Silva
- 27 - OLHOS - Natália Carolina Jacquier
- 28 - OLH OS - Maria Angélica Chiang
- 29 - Poesia - Fábíia Tonin
- 30 - Poesia - Fernanda Bolerd
- 31 - OLHOS - Fernando Bras
- 32 - Duas cicatrizes - Zé Beto Maciel
- 35 - OLHOS - Walpi
- 36 - Poesia - Almandrade
- 37 - OLHOS - João Albuquerque
- 38 - Um toque - Carlos Luz



Na capa:



Escrita 5 ganhou capa no trabalho de dois artesãos que visitaram Foz do Iguaçu e suas praças..

A lida do pernambucano Júnior, foi registrada por Isabel Molina também artesã.

Ela é colombiana e trabalha com miçangas. Quando pode, fotografa. Seus olhos sempre estão atentos para o cotidiano da cultura que lhe rodeia e a envolve.

Haicai

*Na sugestão de passeio,
a idéia de participar da poesia
no Jardim dos Beija-flores,
em Puerto Iguazú, Argentina.
Reportagem de Aurea Cunha*

Chegamos à revista 5 com o cheiro de nova estação. E a **Escrita** a cada novo número conta com colaboradores inéditos.

Mais uma vez, a produção de escritores, fotógrafos e artistas visuais que fazem da arte sua opção profissional, mesclou-se àquela realizada por pessoas de outras áreas do conhecimento.

De gavetas aparentemente insólitas, também saíram criações belíssimas e que hibernavam, talvez, esperando só a primavera para desabrochar.

Nós, da **Associação Guatá**, sentimos alegria em reunir nessas colaborações uma espécie de depoimento sobre a sensatez em se amplificar as várias possibilidades da comunicação humana.

Fazemos isso movidos pelo entendimento de que o sensível toque da arte e da cultura é capaz de celebrar a vida, de refletir e de reconstruir – quando necessário – o espaço comum que dividimos com o próximo.

 **Silvio Campana**

Escrita é uma publicação da **Associação Guatá - Cultura em Movimento**, entidade de finalidade artístico cultural, sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho Editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler, Richard de Souza e Silvio Campana

Editor: Silvio Campana - Mtb 20572 - 3023/11/131

Revisão e traduções: Beth Vilas Boas, Carmen Luzia A. dos Santos e Paulo Bogler.

Foto da Capa: Isabel Molina - **Projeto Gráfico:** Silvio Campana

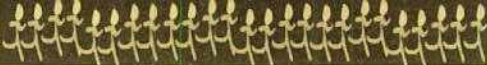
Colaboram nesta edição: Alexandre Palmar, Almandrade, Aurea Cunha, Beth Vilasboas, Carlos Luz, Carol Miskalo, Cezar Koyama, Claimar Granzotto, Fábíia Tonin, Fernanda Bolerd, Fernando Bras, Izabel Leão, Isabel Molina, João Albuquerque, Lalan Bessoni, Marcos Labanca, Maria Angélica Chiang, Mirian Takahashi, Mônica Venson, Natália Carolina Jacquier, Rogério Silva, Sabrina Bomdia, Scheila Thomsen, Vanessa Silva, Zé Beto Maciel, Walpi e Wemerson Augusto

Fotolitos e Impressão: Gráfica Ideal - Tiragem desta edição: 2.500 exemplares

Visite-nos: www.guata.com.br / Contate-nos: guata@guata.com.br

Guatá
cultura em movimento

escrita 05



Subserviência

Na rotina do perdão
Amanheço,
Adormeço,
Me esqueço!

Na estrada qualquer
Vago,
Largo,
Me perco!

Num modelo de capa de revista
Sonho,
Suponho,
Me escondo!

Lá se foram quarenta anos...
De uma azáfama sem sentido,
De um sulco sem fim,
Da vida que nunca vou ter!

Involução

Minha avó se chamava Maria,
Era a Maria das rendas e crochês
Dos quitutes e da chipa
Com tererê
Minha avó chamava-se Maria,
Da submissão e do chão lavado
Das contas em caderno quadriculado
E dos traços em caligrafia

Minha mãe era chamada de Maria,
A Maria da linha de produção
Do sol-a-sol, do dia-a-dia,
Do futuro e da tecnologia
Minha mãe era chamada de Maria,
Das sacolas e dos descaminhos
Da tolerância e do perdão

A mim, me chamam de Maria
Sou a Maria de coisa alguma
De tudo um pouco e de nada muito
Maria da polícia, do bandido e da vida
Curta
Maria é toda a gente
Da faina diária sobrevivente
Que vaga
Descrente.

Motivo do mar

Lá vai a água saloba
Lá vem a espuma macia
Pra lá vai a lamúria da carta
De lá vem a esperança pirata

Lá vai a rosa da santa
Lá vem o alimento do pai
Pra lá foi promessa, moçoila
De lá veio a jangada e o altar

Você busca o novo cibernético
Eu mostro um mistério liminar



Mônica Venson



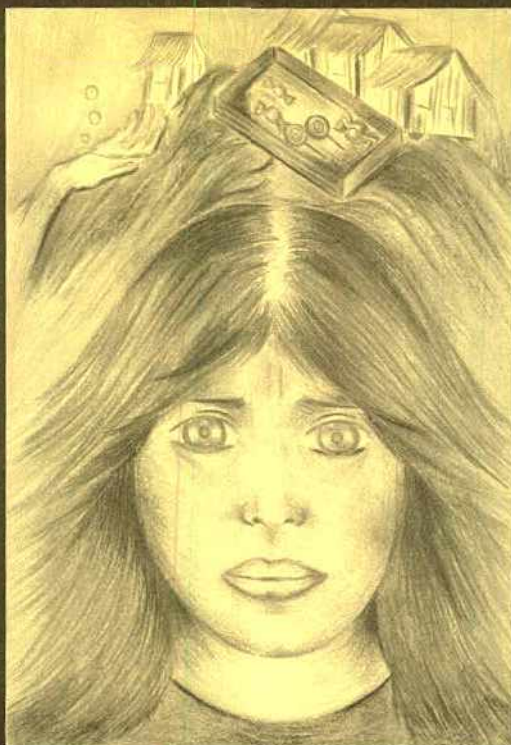
Mônica Venson é jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.



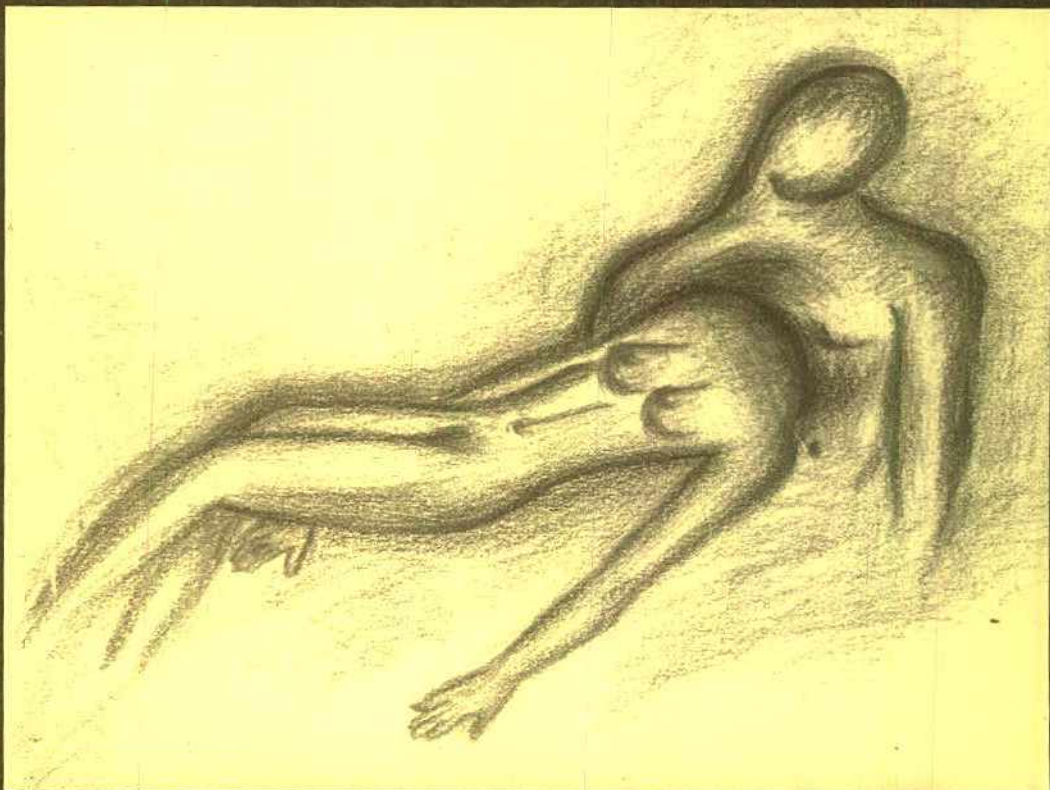
olhos

Desenhos
de **Mirian Takahashi**,
pedagoga
em Foz do Iguaçu.

- 1 - "Erika"
 - 2 - "Findiamor?"
 - 3 - "O encontro"
- (originais em cores).



1 2



3



Um conto de Alexandre Palmar

O garoto da foto

Após sair do trabalho, Heitor costuma fazer o mesmo caminho para chegar em casa. Ao entardecer, lá está ele, andando pelas ruas de Foz do Iguaçu com uma máquina fotográfica a tiracolo, na esperança de alcançar o estrelato através do seu hobby. Acredita que vai fotografar uma catástrofe, como um acidente cinematográfico ou, quem sabe, um desconhecido caindo de um prédio.

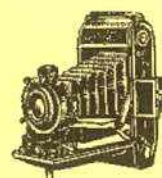
Enquanto aguarda esse dia, continua a colecionar imagens. Meses atrás, fotografou quatro meninos que moram na favela da Guarda Mirim, no mesmo bairro onde mora. O quarteto percebeu a presença do intruso assim que o flash foi disparado. Afoitos, pediram cópias da fotografia. Receberam como resposta uma vaga promessa... Heitor não gostava de ceder suas fotos.

Passados alguns dias, um dos meninos, o menor do grupo, foi até ao portão residência de Heitor. "Tio, cadê a foto?", perguntou de forma acanhada, com receio de irritar o vizinho. Recebeu como resposta a justificativa que elas não estavam prontas. No dia seguinte, a mesma pergunta. "Tio, as fotos estão prontas?", repetiu o moleque. A mesma explicação.... A cena se repetiu pelas semanas seguintes,

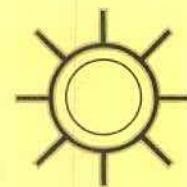
mas, com o tempo, o desejo da criança foi sucumbido por brincadeiras de rua.

Meses depois, a ansiedade mudou de lado. Heitor relevou o filme, mas não encontrava aquele que tantas vezes o havia procurado. Começou a bater na porta de alguns barracos de madeira até descobrir o "número" da moradia do garoto, porém preferiu não entregar as fotografias aos irmãos, nem aos pais dele. Deixou apenas um recado: queria entregar o álbum pessoalmente. Minutos depois, a campainha da casa do "andarilho" tocou por alguns segundos.

"Tio, sou eu, o Fernando. Vim buscar as fotos", gritou. Heitor as entregou sem imaginar a reação do menino. Enquanto o garoto olhava as fotografias, Heitor tentava descobrir seus pensamentos. Dez minutos depois, o silêncio do encontro foi quebrado. "São as primeiras fotos da minha vida, tio. Posso ficar com uma?", indagou o moleque, de uns oito anos. Já prevendo a resposta, Fernando saiu em disparada, chamando seus pais e amigos para mostrar a eles a prova de sua existência. E também para tirar um sorriso dos espectadores daquela cena que valeria um filme. ●



Alexandre Palmar é jornalista e integra o MEGAFONE. Publicado originalmente na Folha de Londrina, em 22 de junho de 2001.



olhos

soupo



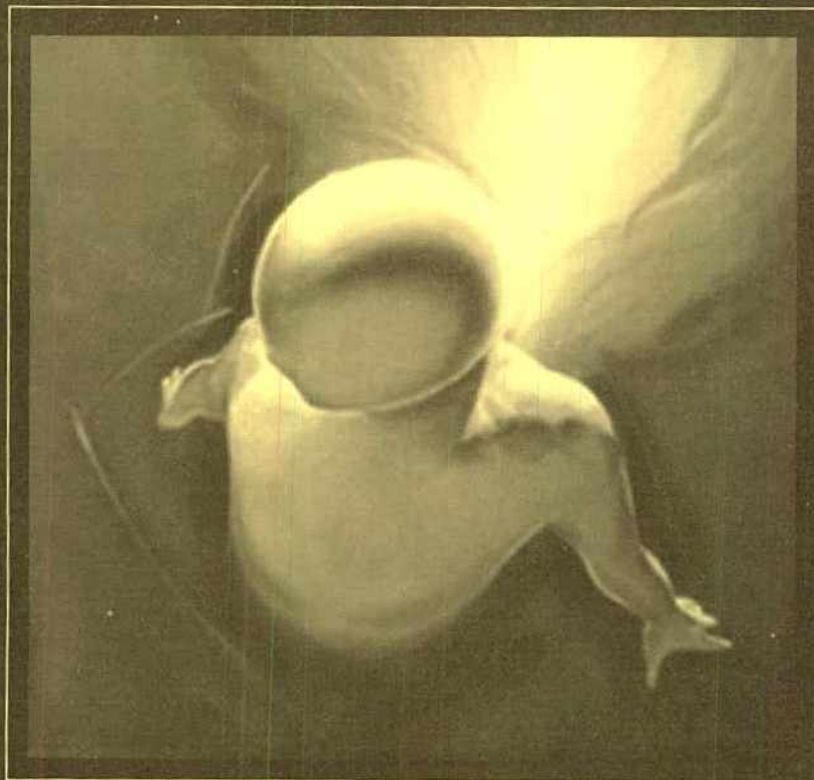
"Vida"

Fotografia produzida em cenário boliviano por **Marcos Labanca**.
Labanca é guia turístico e fotógrafo em Foz do Iguaçu, Pr.



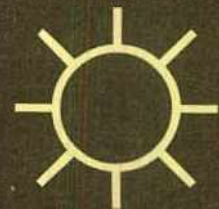


olhos



"Ícaro"

óleo sobre tela de **Rogério Silva**,
artista plástico em Foz do Iguaçu.





Síricas

o poeta se eu disse a :
até onde vai o poema ?

carlos luz



aguarrei a vida...
e ela me disse sorrindo:
aperta mais... sou tua...



paixões são estações...
a amor, ao contrário,
é a própria viagem...



bastaria a luz
que teus olhos disseminam
para a noite ser passado...



felicidade
é encher o sol de açúcar
e beber num gole só...



pensei em você...
suspirei profundamente...
e vi que o teu cheiro é o meu ar...



encantavam-me as tardes
aquelas calmas e quentes
das quais você era o sol...



psiu! não falem alto...
a poesia ainda dorme
em companhia de seus gatos...
à noite houve festa para a lua...
as rimas ainda não estão prontas
mas próximo ao meio-dia
os versos estarão frescos e quentes
para saciarem a sede e a fome
daqueles que amam...
por isso não falem alto...
a poesia ainda dorme
em companhia de seus gatos...



marquei encontro com a manhã
a musa me madrugou
com uma luz suave...



i
na folha arrancada
o vento escreve um poema...
meu tempo passou!



ii
aquela canção
canta pra mim...
a de dormir em teu coração...

iii
no broto que surge
a vida refaz um poema...
o tempo é agora!

Uma noite de chuva tímida

Carol Miskalo

O riso esconde a tristeza nos olhos.
A água lava as lágrimas que escorrem no rosto.
O silêncio esconde a angústia da alma.
O tempo tenta curar as mazelas do coração.
As palavras escondem, mudam, confundem pensamentos.
A fé ampara o medo do desconhecido e do imprevisto.
A camomila suaviza a tensão dos nervos.
A boca alimenta o corpo que corre.
Os pés calçam os sapatos em pernas que descansarão mais tarde em suas camas.
A água lava a lágrima que escorreu dos olhos para o travesseiro.
O ar entra em nossas narinas e nos garante a vida.

O celular toca música tira foto filma come farinha e assobia ao mesmo tempo.
A máquina lava a roupa seca dobra e guarda nas gavetas.
A televisão nos ensina a engolir.
O Gugu e o Faustão nos ensinam a não falar.
A Xuxa nos ensina como não cantar.
A Ana Maria nos ensina a cozinhar.
O rádio nos ensina não ouvir música.
E a revista? Como não ler.

Ghandi prega que devemos ter paciência e não ter apego aos bens materiais.
Jesus Cristo nos ensinou a ter humildade e simplicidade.
Guevara nos mostrou que temos força para lutar.
Minha avó me ensinou a ouvir suas histórias e a persistir nos meus objetivos.
Minha mãe me ensinou a acreditar em mim e nos outros.

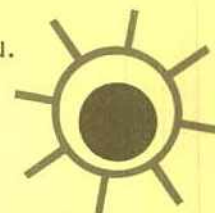
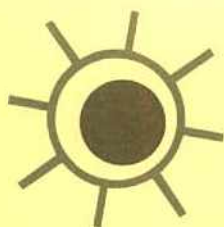


Ana Carolina Miskalo é atriz e estudante de Letras em Foz do Iguaçu, Pr.



cantoria

Fotografia digital de Sabrina Bomdia, pedagoga e atriz em Foz do Iguaçu.



olhos

escrita **13**

O grande encontro, não narrado

As histórias não contadas da biblioteca calada do senhor Espectro atestam que nos anos 20, aconteceu na região das Três Fronteiras um dos momentos mais significativos para a narrativa de seu romance. Os personagens que embalaram a imaginação deste escritor que morreu invisível para os anais da literatura nacional são três jovens com semblantes de astúcia e simplicidade. São eles, Luis Carlos, Maria Gomes de Oliveira e o raivoso Ferreira.

O autor afirma com veemência ter visto estes mágicos protagonistas passear pelas terras onde hoje se encontra a fantástica Terra das Cataratas. Com detalhes de horas, locais, trajes e companhias o escritor acompanhou o movimento dos dois homens e da mulher pelo país e pela cidade. Todas as informações eram colhidas dos jornais, conversas com os fornecedores, comerciantes e notícias via telégrafos.

Nos manuscritos do escritor também conhecido por “Seu Avejão” estão gravados com muitos rabiscos, os mapas feitos a mão de todas as peregrinações do trio mundo a fora. O preciosismo nos pormenores do contador de histórias que se ocupava também da

venda de quinquilharias desde 1915 – época que chegou ao Brasil –, tinha um grande objetivo: fazer o grande encontro. Neste dia, iria rever seu amigo e quase irmão, Benjamin Abrahão juntamente com seus amigos imaginários.

Avejão tinha ciência que o companheiro Abrahão após sobreviver com muito suor, na lida de mascate pelos sertões, foi convidado a assumir o posto de secretário de um padre do nordeste. Aos poucos seu amigo largava o ofício de caixeiro viajante de produtos típicos – ocupação que fazia desde quando desembarcou em Recife – para tornar-se o homem de confiança de “Padim Ciço”.

O escritor da fronteira e o habilidoso Abrahão, ambos sírio-libaneses vieram para o país por discordarem da convocação obrigatória que empunhavam aos compatriotas a luta pelo exército britânico. Espectro por acreditar no sul, partiu com seu bernal com poucas pratas e muitas bugigangas. Acreditou cegamente que um dia sentaria em baixo de uma sombra. Abrahão preferiu o calor e os comportamentos mais avexados de encara

a existência terrena.

Por mais de 10 anos, os amigos ficaram sem se falar. Apenas no começo dos anos 20 foi reatado o contato. A proeza aconteceu através de um telegrafo que o senhor Espectro foi receber do amigo “nordestino” no município de Cascavel. O texto caiu para Avejão como uma carta divina. Na redação muito bem escrita o amigo dizia como esta levando a vida e pedia notícias. Eis um pedaço da nota:

“Ilmo amigo Espectro. Aqui estou muito bem. Após andar muito. Hoje me encontro com um bom trabalho. Estou realizando diversas obras junto com um homem abençoado, o vigário Cícero Romão. Queridamente encarado pelo povo aqui como o padim de todos. Respeitado até mesmo pelos bandoleiros do sertão”.

A revelação do amigo dava ainda mais esperança para que seu “romance sonhado” torna-se real quanto acontecimento e



publicação. Antes mesmo da confissão do amigo, Avejão tinha tomado conhecimento pelos jornais do envolvimento do religioso com o Capitão Virgulino Ferreira, o mítico "Lampião". O escritor não sabia que o melhor estava por vir. Apenas no segundo telegrafo, 6 anos depois, descobre que o amigo Abrahão tornou-se o fotografo oficial do bando de Lampião.

Bandoleiro, que segundo consta nas notas da imprensa, foi convocado pelo presidente da republica federativa do Brasil, Artur da Silva Bernardes, por meio de seu ministro de guerra, o Fernando Setembrino e pelo padre Cícero, a lutar contra a turma do Cavaleiro da Esperança. Mal sabiam os governantes, que os cangaceiros, odiavam a elite governamental.

A cada dia que passava o romance de Avejão mais se parecia com a realidade que visualizava. Numa tarde de quarta-feira, do ano de 1924 vê seu personagem ao vivo. E para alegria do

escritor, Luis Carlos Prestes, desce de seu cavalo e lhe pede informações a respeito das três cidades da fronteira. Daquele momento, Avejão jamais esqueceu. O instante foi à consagração de seu silencioso e impublicável livro.

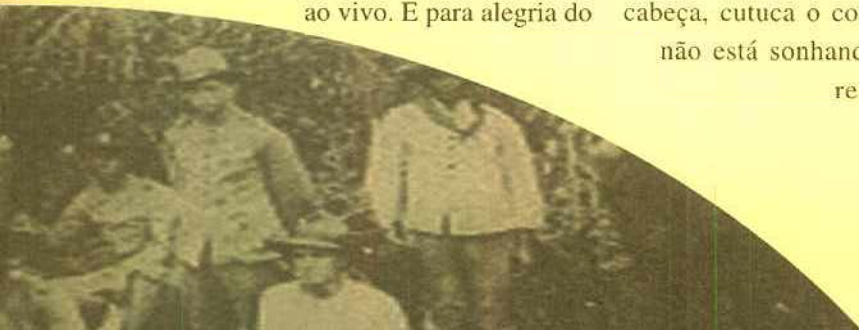
Emocionado o contador de historias conseguiu responder ao ilustre visitante e lançou uma única pergunta: o que trazes o senhor aqui? "Bem. Estamos na luta. Queremos o fim desta República. Marcamos de nos encontrar aqui nesta cidade com os meninus do Lampião. Mas não vai dar para esperar. O dever nos chama". Sem palavras Avejão viu a Coluna Prestes partir com seus cavalos rumo ao bairro Porto Meira em Foz do Iguaçu. No por do sol, surgia o desenho de montadores com seus animais lustrosos, pincelados pelo balanço da poeira nos céus iguaçuenses próximo a Ponte da Fraternidade (Brasil- Argentina).

Encabulado e introspectivo o homem olha para os lados, abaixa a cabeça, cutuca o corpo e percebe que não está sonhando. Este estado de reflexão interna do

escritor com o mundo tem a duração de mais ou menos umas 5 horas. Ainda em duvida se partiria para a reta final de seu romance. Escuta um bate-pé tremendo. Pela fresta da janela vê cinco vaqueiros em frente de sua morada, localizada as margens do Rio Paraná.

Quando abre a porta se surpreende com o grupo que vê. O bando de Lampião. Os mesmos estava há dias buscando informações por muitas residências e fazendas do oeste do Paraná do caminho seguido pelos amigos da Coluna Prestes. Eles, não foram reconhecidos por nenhum dos moradores da região. Os salteadores forma confundidos por vaqueiros argentinos.

Com exceção de Espectro, que reconheceu o fotografo Benjamin Abrahão, o Virgulino Ferreira "Lampião" e Maria Bonita de imediato. O escritor não conteve a emoção de rever o amigo e cumprimentar os seus três personagens no mesmo dia. Uma forte pressão no coração fez com que dissipasse pelos ares, a vida do contador de histórias, e com ela, a memória viva desta historia. Que só mesmo o escritor sonhou! ☀



Às margens do rio



- Não, ele não vem hoje, também!

Procuro-o há dois dias. Disseram-me que está com virose e não tem aparecido para trabalhar. Peço papel e caneta, preciso comunicar-me de alguma forma, mesmo sem dizer-lhe o que realmente quero dizer. Pergunto como vai e desejo melhoras, assegurando-lhe saudades. Assino.

- Pode entregar a ele?

- Claro! – o rapaz, solícito, apanha o papel, que não dobrei, e prende-o no quadro de recados. Acompanho seus movimentos com olhos ávidos, ansiosos, buscando alguma pista, algum sinal que me dê motivo para continuar ali, e esperar. Não há nada. Sorriso amarelo. Tchau!

A noite está fria, conforme previsão divulgada no jornal matutino. Decido caminhar um pouco, ignorando os perigos das ruas da cidade. Atravesso a Praça do Mitre. Os bares estão movimentados. Não me animo a entrar em nenhum. Sei que não o encontrarei. Volto. Percebo agora o artesanato encolhido sobre um pano sujo, no meio da praça. Parece ter se esquecido de ir, ou talvez, não tenha para onde ir. Aproximo-me. Em meio às pulseirinhas, colares e brincos, chama minha atenção uma tela a óleo, que retrata uma mulher sentada de frente para um rio, de costas para o observador.

- É sua? - pergunto.

- É. Gostou? – ele tem sotaque

castelhano.

- Que rio é esse? – pergunto, rebelando-me contra meu próprio senso crítico.

- É um rio.

- Qual a expressão do olhar dela? – decido provocá-lo.

- Distanciamento... ela está pensando.

- Em quê? – ironizo.

- Nas águas que passam. No curso sempre igual. No mar ... – ele responde sério.

- Você sempre suporta gente como eu? – começo a me sentir imbecil.

- Oh não, não... como assim gente como você?! Nunca me perguntaram essas coisas. É bom, sabe? É bom poder falar... – ele quer me agradar.

- Você sabe retratar rostos? – quero feri-lo.

- Não sou muito bom, não! – confessa, tranquilo.

- E mãos?

- Também não! – continua sereno.

- Como são os pés dela? – ocorreu-me uma sincera curiosidade.

- Ah são lindos... Posso ver os seus? – ele dobra o corpo estendendo as mãos em direção aos meus pés.

- Não! – recuo, assustada e ofendida, encolhendo os dedos dentro das botas.

- Tudo bem, desculpe! – Ele volta a posicionar os braços sobre os joelhos dobrados. - Os pés dela são delgados, a pele rosada e agora acho que estão frios, bem frios. – Ele dá uma risadinha. Tem os dentes bonitos e limpinhos. Surpreendo-me. Todo o resto dele parece sujo.

- Vendeu bem hoje? – quero mudar de assunto.

- Ah, as pessoas não estão comprando

muito.

- Gosta do que faz? – olho suas criações sem tocá-las.

- Você quer o quadro, ou uma pulseira, ou colar? – ele me enfrenta.

- Quanto é o quadro? – pergunto com desdém.

- Quanto me dá? – ele olha dentro de mim.

- Qual é o nome dela? – refugio-me.

- Qual é o seu nome? – ele ataca.

- Ela não significa nada para você? Não se inspirou para pintá-la? – disparo com mais emoção do que gostaria de sentir e demonstrar.

Ele me olhou sem expressão definida e começou a guardar seus trabalhos, cuidadosamente. Fiquei observando, parada, desapontada, mas desafiante, como uma criança mimada. Tudo pronto, ele colocou a mochila nas costas e ajustou-a ao corpo. O quadro ficara no chão. Apanhou-o, estendeu-o para mim. Não tirei as mãos dos bolsos do casaco.

- Se quiser, dê um nome pra ela e um rumo para seus pensamentos. Deixe-a meditar olhando o rio e depois, coloque-a de pé. Faça-a caminhar e buscar suas próprias respostas. O que vem de bom com o rio, segue com ele. O que pára na margem, é quase sempre, porcária. É seu. Pegue!

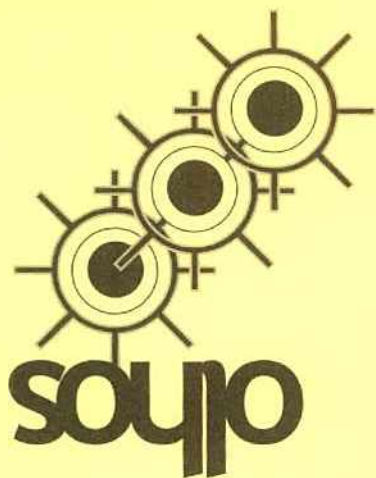
Obedeci. Não me esforcei para encontrar o que falar. Fiquei olhando para o quadro, enquanto ele se afastava.

- Como se chama? – gritei quando ele atravessava a Avenida Shimmelpfeng, na direção do bar. Sem se virar apenas levantou uma das mãos, num gesto que poderia significar “não amole”.

- Você! Como você se chama?

Ele sumiu na esquina. ☀





“Rainhazinha e seu catavento”

Desenho de **Lalan**, ilustrador em São Paulo, SP

lalan.

Uma proposta de inclusão juvenil

Izabel Leão



Identificar um projeto como de inclusão cidadã ou de incentivo ao protagonismo juvenil é levar em conta propostas de ações que se voltem para perceber e ouvir o jovem e inclusive incorporá-lo na plenitude dos seus direitos, e propostas ligadas a uma idéia de “democracia radical que potencializa cidadãos sem excluir ninguém, não como objetos, mas sim como sujeitos de direito com capacidade para exercer, não como receptores passivos de direitos, mas sim como sujeitos ativos que autodeterminam seu próprio civismo”, como afirma o educador e pesquisador catalão César Muñoz.

Nesse sentido, uma das experiências levadas a cabo e que tem apontado direções

para o movimento de empoderamento do jovem é a Revista Viração, um veículo de comunicação impresso, com 36 páginas, quatro cores, que desde 2003 vem preenchendo uma lacuna no cenário editorial brasileiro voltado para o público jovem. É uma publicação mensal que tem como meta ser um projeto social impresso, pois, além de não ter fins lucrativos, propõe-se a ir além da impressão, desenvolvendo junto aos jovens atividades de comunicação e educação.

A revista busca manter-se como um veículo de caráter mais crítico e não mercadológico, tratando de temas de interesse dos jovens com outros enfoques e enquadramentos. Com isso a revista tem se diferenciado das formas de contato com seu público alvo das demais revistas voltadas ao segmento juvenil de grande tiragem e apelo comercial.

Destaca-se pelo seu Conselho Editorial Jovem, apelidado de Virajovens está presente em 17 capitais do Brasil, promovendo uma das suas metas que é ser feita pelo próprio jovem. Esse mecanismo de participação do leitor não apenas como consumidor do veículo, mas como um sujeito que pode interferir intensamente com sugestões, opiniões e, ainda, colaborando na confecção de reportagens e entrevistas, tem garantido ao jovem o direito de se expressar.

É composto, em média, de 20 a 40 adolescentes, meninos e meninas representantes de escolas públicas e privadas, centros de defesa da criança e do adolescente, participantes de organizações não governamentais que atuam com o protagonismo juvenil, em medidas sócio-educativas, representantes de movimentos sociais estudantil, negro, ambiental. Uma das formas de seleção dos jovens é a partir de indicações das redes sociais em que estão inseridos os organizadores da revista.

MUTIRÃO

Reunião de avaliação da revista. Izabel Leão e Paulo Lima, membros do conselho editorial da Viração.



Os participantes do Virajovem reúnem-se com a equipe profissional para elaborar a pauta, que não é ditada pelo editor ou jornalistas da redação e colaboradores, mas discutida entre todos. Além disso, nesse momento socializam experiências obtidas com a produção das edições anteriores. A participação no processo garante o protagonismo dentro da revista, ao mesmo tempo em que modifica a própria compreensão, dos adultos envolvidos, sobre a concepção da pauta.

A dinâmica do processo da revista Viração difere, em muito, de outras publicações, mesmo aquelas consideradas *alternativas*, pois o Conselho possui poderes que vão além da simples avaliação da linha editorial. Ele se reúne mensalmente para fazer leitura crítica da comunicação, avaliar a linguagem, o conteúdo e apresentação gráfica da revista, propor pautas, sugerir modalidades para divulgar a proposta do projeto: ser um canal de debates sobre o mundo dos jovens e adolescentes, no Brasil e no mundo. Cabe também ao Conselho ajudar nas estratégias de distribuição e venda. O jovem encarregado de elaborar uma matéria recebe a orientação dos jornalistas, que trabalham na revista voluntariamente. Os textos são editados em parceria entre o jovem autor e o jornalista.

Mutirão – O esquema de trabalho é definido pelo editor da revista, Paulo Lima, como sendo de *mutirão* – trabalho comunitário na língua tupi guarani. Este processo envolve não apenas a equipe fixa, mas também o Conselho e os colaboradores nacionais e internacionais, cartunistas, repórteres e fotógrafos, responsáveis por reportagens que abordam assuntos relevantes com uma determinada profundidade.

Para se ter uma idéia da importância e centralidade do Conselho Editorial Jovem basta mencionar que ele tem muito mais espaço de atuação do que o Conselho Editorial



EDUCOMUNICAÇÃO

Oficina promovida pela Revista Viração

(formado por adultos) que, não obstante, atua como órgão consultor do veículo.

Outra forma de se ligar ao jovem, de estar junto dele e conhecê-lo melhor, está na escolha destes como fontes, junto aos especialistas das áreas enfocadas, se bem que esta estratégia seja comuns às demais publicações destinadas a esse público. A diferença está em que a Viração não se restringe a ouvir o jovem em relação a seu cotidiano (a tônica da maioria dos suplementos para adolescentes), mas também deseja saber sua opinião sobre temas de interesse social diverso (como a pauta sobre loucura, em uma das edições).

A linha editorial da revista tem um *viés humanista*, não sendo um veículo de comunicação moralista com o intuito de ensinar ao jovem como pensar e agir em relação aos temas tratados. Sua linha editorial almeja defender valores que ajudem na educação de uma juventude consciente de seus direitos e interessada em *cuidar* do mundo. Por outro lado, propõe-se a não ser *maniqueísta*, *dividindo o mundo entre mocinhos e bandidos*. Sua proposta é fomentar o debate, tornando-se um fórum para o desenvolvimento de uma consciência de cidadania do indivíduo. O pressuposto é que o adolescente não aceita ser mandado ou se sentir manipulado; ele deseja descobrir, se possível, soluções para seus próprios problemas, tirando suas conclusões e adotando suas posturas a respeito dos assuntos abordados.





Restaurante Bar - Comida Baiana

Atendemos de segunda a sexta,
a partir das 18 h.

Sábado, a partir das 12h
e, no domingo, das 12h às 16h.

**Quartas à noite
e domingos ao meio-dia,
rodízio de frutos do mar.**
Mais de 30 pratos e sobremesa

**Quintas à noite
e sábados, ao meio-dia,
buffet da culinária baiana e nordestina.**
Mais de 20 pratos e sobremesa.

Servimos também a la carte
Entrega em domicílio pelo telefone:
(45) 3025 1144

Música ao vivo todos os dias.



Rua Marechal Deodoro, 1228 - Centro

Foz do Iguaçu - PR - Brasil

www.restaurantetemperodabahia.com

Emoções a jato

No **Jardim** os visitantes
podem apreciar bem
de perto os pequenos
cerelépes que chegam
a congestionar o espaço
aéreo em busca do
combustível necessário
para seus 80 movimentos
de asa por segundo.
Pode-se até sentir a brisa
e ouvir a música do vento
proporcionada pelas suas
velozes asas que passam
rentes aos ouvidos
dos visitantes.

Textos e fotos de Áurea Cunha

observações

Onde fica:

Rua Fray Luis Beltrán 150,
Porto Iguazu, Argentina.
(Três quadras do terminal
internacional de ônibus)

Quanto custa o ingresso:

Cinco pesos argentinos.
Cerca de R\$ 2,50

e'guatá
visitar, conhecer, vivenciar.



Jardim dos

O Jardim dos Beija-flores é uma opção tur
Fica no pequeno jardim da casa da dona M
com a família há 30 anos, em Porto Iguazu
A brasileira conta que resolveu criar o espaço
o jardim da casa, mais os pássaros ap
ela também começou a colocar bebedour
"Parece que eles sentem a
Das 16 espécies de beija-flores que habitam
ser vistas no Jardim dos Beija-flores. E são de diver
popularmente chamado de "corinti



Telefone para contato: (03757)424081 -

VISITE O SITE WWW.VOTENASCATARATAS.COM E ELEJA AS CATARATAS

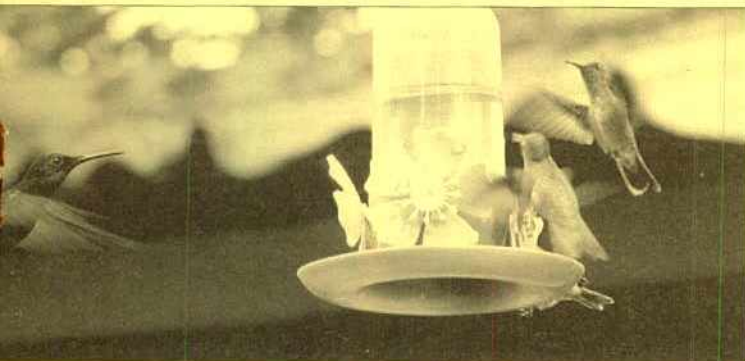
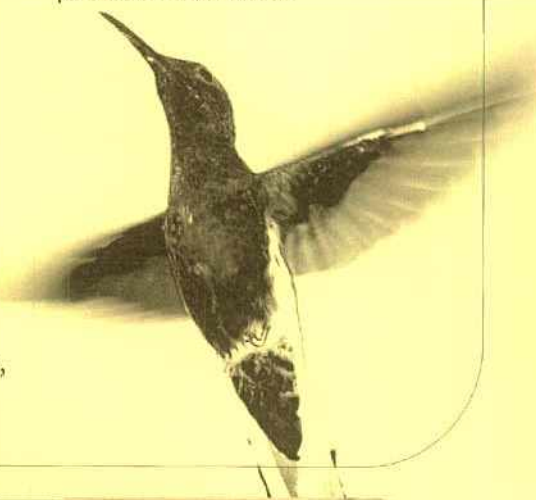


Fotos: Aurea Cunha

Beija-flores

estica pra lá de diferente na tríplice fronteira. Marilene de Castillo, uma catarinense que vive na Argentina. Há 11, cuida de beija-flores. Após perceber que quanto mais ela incrementava pareciam. Daí, além de cultivar as flores, as artificiais, que recebem cuidados diários. "proteção e vêm", conta ela. Na província argentina de Misiones, nove podem as cores e tamanhos. Tem até um em branco e preto, "no", em alusão à camisa do "Timão".

À noite, os pequenos entram em estado de torpor e repousam nos galhos das árvores. No dia seguinte começa tudo de novo. É a dança da vida dando a cada ser o seu papel na natureza. Aos beija-flores, cabe recolher o néctar. Como uma retribuição, proporcionam um incomparável espetáculo de delicadeza, cor e movimento. Um verdadeiro êxtase para os sentidos.



E-mail: jardimdelospicaflores@hotmail.com

DO IGUAÇU COMO UM DAS SETE MARAVILHAS NATURAIS DO MUNDO!



Gebing

Transportes Ltda.

Fretamento
para roteiros
urbanos
e viagens
intermunicipais.



Pacotes especiais para:

- Escolas
- Igrejas
- Empresas
- Eventos culturais

Tel: (45) 3525 0520
(45) 9926 1231

Foz do Iguaçu - Pr.



Candidato

Num sorriso amarelo pagou o dono do boteco e voltou para a rua.

- Martin, pega o carro... Essa gente ingrata ainda me paga!

No rádio do carro nada do nome.

Lista oficiosa, é claro. Mas voto que é bom, sumiu. Pensou, acendendo o cigarro.

- E todo aquele trabalho lá, nas bandas de Califórnia, Paranacity e Colorado?

O chapéu novo de vaqueiro na mão ia formando um mapa, falso, como nos filmes de mocinho e bandido.

- Hein, seu Martin?!

O olho arregalado, a boca calada. O auxiliar não deu nem um pio.

Da sala, cheiraram o quente da fritura. E a cozinheira veio trazendo o rádio de pilha na mão enquanto adiantava a notícia:

- Doutor, têm uns que já estão eleitos e o senhor, até agora, nada...

O rosto do candidato fechou mais ainda. O nariz abriu duas ventosas e o estômago acusou banana frita no óleo queimado.

- É só projeção ainda. Não liga, não, seu Rubens.

- Esse pessoal que ta tá na frente é tudo picareta, Martin. Tudo papagaio de pirata, isso sim. Nunca deixaram uma beira no palanque. Lembra, em Maringá? Foi só o governador subir, que os cornos ficaram se segurando nele. Uma vergonha!

- Acho que dói o orgulho dele. Martin sentou e pensou. Depois, pensou melhor. Acho que dói mais é o bolso dele.

- Gente safada também aqueles teus amigos, viu? Só

queriam dançar com a mulherada, campanha mesmo nunca aconteceu... A boca lambuzada pela terceira banana.

- ...Um dia ainda precisam e aí vai ser um toma no cu, com todas as letras. Desculpe dona Leonora, mas é que traição assim é coisa que judia a gente. !

- Eu entendo, doutor.

Um suspiro saiu lá do fundo:

- Sabe, o mundo dá tantas voltas, mas a gente não esquece ingratidão.

- O auxiliar concordou; a cabeça pra cima e pra baixo, tentando sentir a guilhotina.

- E a Marisa?

- Viajou hoje de manhã pra casa de sua sogra, seu Rubens. Só ficou a Marilda.

- Martin sentou com o rádio no colo, querendo ouvir alguma chance.

- Aumenta o volume aí... A voz afônica gritou lá, do final do corredor.

- Se o senhor quiser, eu busco pilha nova.

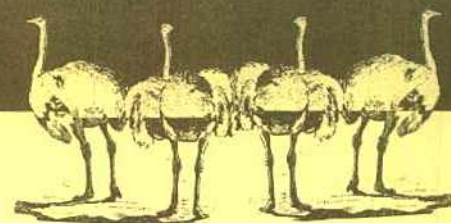
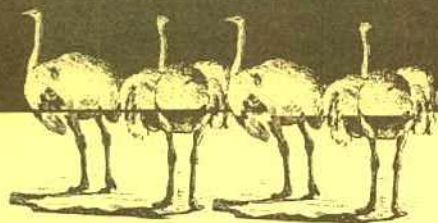
... Mercados Correia, informam no calor das apurações...

O auxiliar fechou a cara com o terceiro protesto do chefe.

- Dessa vez até comunista na lista. Depois o povo não sabe nem em quem votou.

- É bom pra eles aprenderem. Eles gostam, Martin. Você vai ver, não dá dois meses e todos entregam o rabo. Que compromissos, que nada. Viram tudo por dinheiro, cargo. Prostitutas, dessas bem depravadas, fazendo discurso contra a gente, mas gostando do bem bom. O resto, oh, eles deixam em casa.

O ressentimento pulou no copo em duas pedras de gelo



explodindo o Ballantine's paraguaio.

- E você, não vai beber?

A filha entrou na sala e cortou a resposta.

- Pai, larga esse rádio senão você adoce. Não é, Martin?

O safado concordou como um genro, em silêncio, medindo o contorno das pernas bonitas na calça capri.

- Merda, Martin. Tá vendo? Votar que é bom, não soube, dizendo que perdeu a chance de tirar o título. Culpa da mãe que não exigiu.

O ar carregado arregalando os olhos do auxiliar.

(Esse cara vai ter um troço).

Na parede da sala, deu de cheio com o diploma de Direito. Olhou com desprezo o nome da escola do interior paulista. (Assim até eu, pagando, eles mandam por correspondência).

- Tá escutando? Porecatu, Bela Vista... - a mesma ladainha arreganhando a sobancelha peluda do candidato.

- No fim, é tudo a mesma coisa. Lembra do velho do armazém em Jacarezinho? Nhem, nheim, e coisa e tal.... O senhor pode contar com a gente, só na família são mais de vinte pra trabalhar... Falando nisso, você mandou o carro que pediram?

- Carro, gasolina, dinheiro, material de propaganda. Tudo do jeito que o senhor tratou.

Falou enquanto recapitulava as pernas esguias da franguinha. Para Martin, um bom motivo pra se aturar o velho e sua política capenga.

- Pois é, tudo pra ajudar a convencer aquela mineirada. E daí, eu pergunto, cadê os votos? Me mostra! A vontade é de dizer na cara que são todos uns por...

- Pegou um punhado de amendoim e botou na boca e um gole veio em seguida.

Martin aproveitou o silêncio para pensar melhor. Olhou outro quadro na parede e comparou o advogado com aquela besta que não falava coisa com coisa na televisão. Quem ia acreditar na eleição de um imbecil? Além do bom emprego na secretaria de saúde compensava o vexame. E depois, candidaturas são assim mesmo.

- Martin! Deu a parcial de Guairacá. Pô, aquela cambada. Do prefeito ao último dos funcionários. Lembra da pose? Nós somos Alencar, mas deputado é com o senhor. E eu, burro...

Martin balançou a cabeça mais do que nunca.

- Não adianta, Martin, lidar com o povo é só arranjar mágoa na gente. Apoiaram o irmão do Alencar, tá na cara.

O aspone entristeceu o rosto, num tom de piedade. O suspiro veio lá do fundo, sincero.

- É doutor, acho que vou tomar mais uma dose.

- Acha que dá pra reverter isso?

- O senhor sabe, eleição só termina mesmo é no último voto, e a nossa, quer dizer, a sua campanha foi boa...

- Mas cadê Guairá, Paissandu? Sumiram com aqueles dois que você arrumou.

- A cara do aspone virou tomate. Pensou num palavrão para desviar a responsabilidade, mas o que fez foi desligar o rádio. O almoço, fumegando, na mesa da sala.

- Não vou comer, Leonora.

- Come um pouco que ajuda, doutor. Você também, Martin.

De tarde foi até a à puração local. O ginásio cheio, a cabeça pensando desculpas.





COMÉRCIO DE VIDROS E ACESSÓRIOS LTDA.

**Pára-brisas
de carros
e pick ups,
nacionais e
importados**

**Acessórios
para todos
os modelos
e marcas
nacionais**

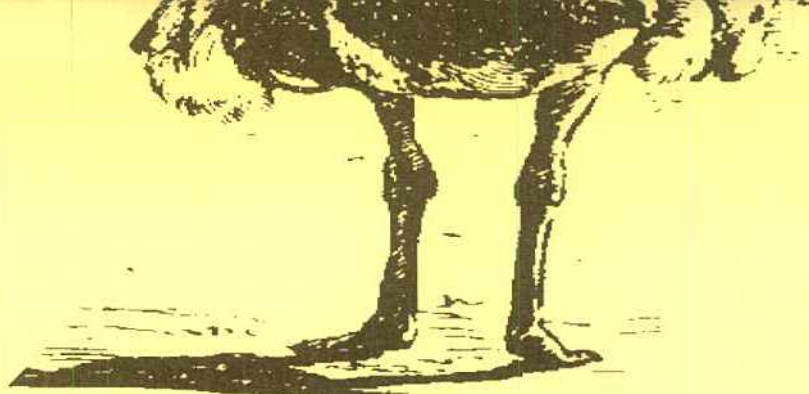
- Fârois
- Lanternas
- Fechaduras e maçanetas
- Estribos
- Santo Antônio

Tel: (045) 3528 0070



www.covidro.com.br

Rua Santo Rafagnin, 1020, Vila Portes
Foz do Iguaçu - Fax: (45) 3528.0717
covidro@covidro.com.br



- Melhora o ânimo, seu Rubens, ainda dá pra chegar lá.

As palavras do auxiliar não muito convicentes atropelaram na entrada a algazarra do local de apuração. Ginásio lotado, lá, do outro lado, a torcida do rival, fazia um carnaval.

- Vai ver, perdi até aqui na cidade.

- Seu Rubens, eu votei no senhor.

Um braço puxava-o para o lado e anunciava a lealdade de toda uma família. A conversa cínica irritando e produzindo um sorriso amarelo no candidato e em seu auxiliar. Logo ali na frente, mais gente.

- Falsos!

Martin ia só olhando por cima do ombro de seu Rubens.

- Estamos torcendo pelo senhor...

- Boa tarde, deputado.

No fundo da garganta do aspone, o riso já fazia cócegas.

- Vê pra mim a quadragésima quarta, lá acho que eu arrasei.

Na boca, um gosto amargo ia murchando o sorriso amarelo. Do outro lado, a festa.

- Aqueles safados. Dobradinha só na hora de pagar gráfica. Na hora de fazer campanha, preferiram gente de fora. Uma ingratidão, Martin.

- Seu Rubens...

- Pô, Martin, onde você andou?

- A coisa não tá boa. Na quarenta e quatro, nós, oh!

A mão espalmada subindo e descendo no cone da outra mão.

Seu Rubens empalideceu de vez. Voto? Um aqui, outro ali. Vontade de botar fogo em tudo e sumir. O pessoal andando de lá pra cá, nem aí para o aceno. Sina de candidato derrotado, achou melhor voltar para casa. Talvez uma rápida no bar das irmãs Cardoso. Ficou sem saber. E a mágoa corroendo o corpo.

- Martin, vamos? Martin?!

O olhar já percorria a multidão em volta, para lá e para cá. A peste do aspone lá do outro lado do ginásio, em plena festa inimiga.

- Traidor!

Voltou sozinho, reconheceu no vidro do carro os plásticos amarelados do Alencar e do Álvaro, grudados feito uma coisa só. Tentou arrancar e conseguiu um pouco de cola por baixo da unha carcomida durante a noite.

- Peste!

Ligou o carro e olhou sozinho o espaço entre a rua e ele. No banco traseiro, a papelada se misturando com o paletó de comício. No banco da frente, uma dor no peito e outra no bolso. ☀



Silvio Campana é jornalista e ativista cultural em Foz do Iguaçu, Pr.



“Ruído”

Fotografia manipulada no filme. De **Cezar Koyama**.
Cezar é cinegrafista e sushi man em São Paulo, SP.



Áurea Cunha
fotografias



Retratos
Reportagens
Publicidade

Edição de imagens digitais

(45) 99774490

H₂FOZ
O Portal das Cataratas



Muito mais conteúdo na Terra das Cataratas

* Notícias * Agenda Cultural * História de Foz * Entrevistas
* Fotos * Opiniões * Vídeos * Atrativos turísticos
* Guia de compras * Serviços * Eventos

www.h2foz.com.br

O portal de turismo e notícias da tríplice fronteira.

imagine
cultural



Tel: (41) 3562 9018

Cel: 9946 3733

www.imagine.org.br



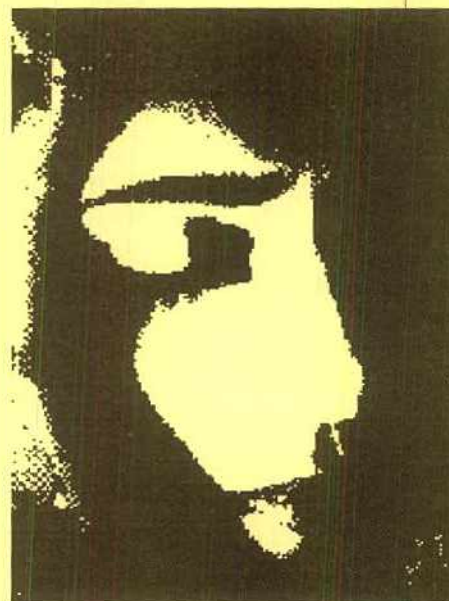
FER
NAN
DO
BENEGA
FOTOGRAFIA DIGITAL

Tel. 45 91297419 / 35744885

vanessa silva

insubstâncias

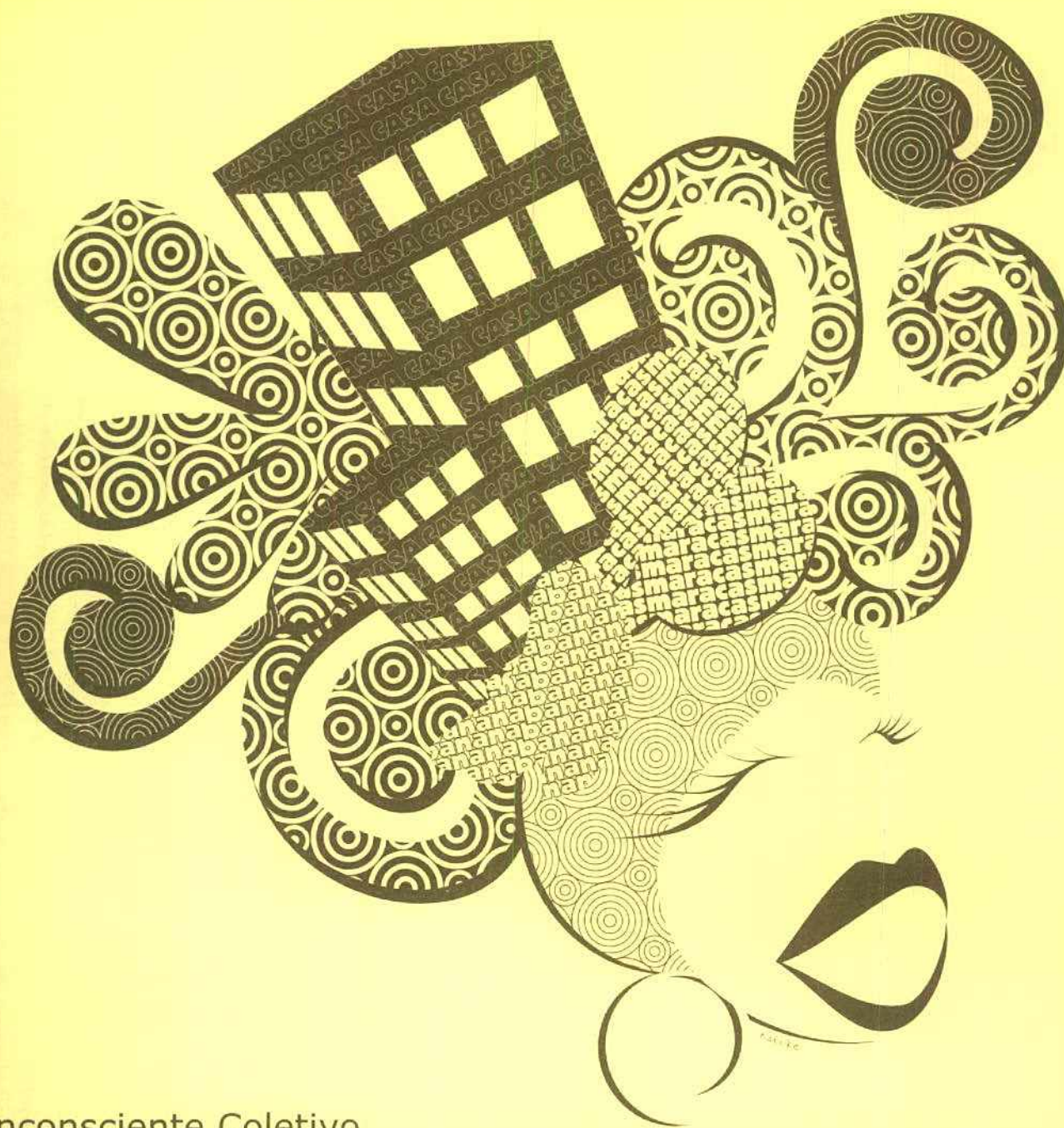
*a menina de saia rodada não sabia
o que queria ser quando
crescesse e assim dizia às vezes:
quando crescer,
serei eu mesma.
ela nunca soube
que se ser é impossível.
nunca se é,
sem ser um
pouco dos outros.
ela escrevia nua
em seu quarto
e queria junto à sua
pele, uma outra. pele e pelancas.
pele e palavras moles.
pele e olhares de amor. pele e bocas tortas.
pele e um dedo. pele pele pele.*



Escrevo pois tenho vontade de que minhas palavras sejam as certas. sei que não são. sei que são enfadonhas...sei que gosto de música e de coisas intensas, por mais que não o seja. só de vez em quando, de vez enquandinho...muito raro, na maioria das vezes em que sou intensa, estou só. passa bem rapidinho. tem vezes que tenho vontade de me comer de tanto que me amo, mas só as vezes também. e tem vezes que os pernilongos querem me levar. já pensou que imagem legal, nãp digo bonita, mas imagine a notícia. garota levada por uma nuvem de pernelongos, em minha dispensa isso quase acontece, é assustador acordar naquele quarto. ver que dormi acompanhada daquele monte de seres de fato é assustador. meu rosto estava até ficando deformado...não. isso é exagero. gosto de exageros. ainda não cresci e parece que vai demorar. não tenho vocação para ser intensa. ser intensa é não viver nesse mundo. ser intensa é não ter contas a pagar, é não ter e não tomar pra si responsabilidades. intensidade. palavra feia e um significado tão bonito.



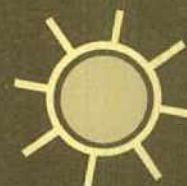
vanessa silva (assim mesmo, com minúsculas no início)
é aprendiz de professora do ensino médio em Andradina, SP



Inconsciente Coletivo

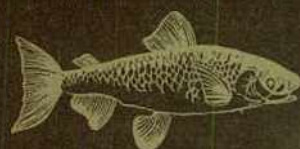
Ilustração de Natália Carolina Jacquier, designer gráfico em Foz do Iguaçu, Pr.

olhos



olhos

Ilustração de Maria Angélica Chiang,
estudante de publicidade em Foz do Iguaçu, Pr.



fábria **tonin**

Um gato... ...um peixe

Gato faminto

Peixe medroso

Gato maroto

Peixe indeciso

Grandes bigodes, língua quente...

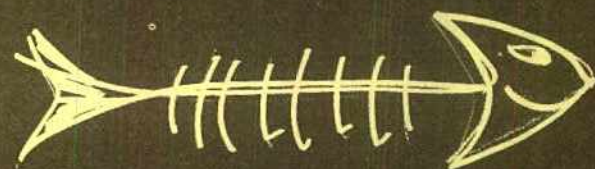
Um arrepio de escama

Um eriço de pêlo

E está feito

Gato malandro

Peixe safado!



Fábria Tonin é cirurgiã dentista em São Paulo.



Fernanda Laborde

Cena de amor

Construo castelos de areia para morar com você,
Me deito numa rede invisível
Tentando atraí-lo,
Tentando fugir da sua ausência.
Destruo os minutos
Em que você não está,
Nem sei o que faz,
Nem se em sua cabeça sou
Aquela sereia impalpável,
Essa mulher cheirando seu nome,
Rindo com desenfadamento das suas coisas,
Dos seus passeios pelo céu
E pela selva.
Repito as cenas
Sabendo que somos atores
Falando
Brincando
Fazendo
Uma obra de amor.

Quem é você

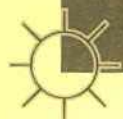
Cigano e vagabundo,
Tão gigante quanto o sol,
Intangível,
Exuberante,
Com rios e barcas que chegam e se vão,
Egoistamente belo,
Beliscando os dedos dos meus pés,
Quase sem provar,
Inspirando-me até a insensatez,
Ficando num voo
Alterado,
Sem a esperança de atenuar
E sem a ilusão de aterrissar.
Aterrada de você,
Do espelho que você é,
Da sua imagem,
Do meu corpo, da mistura da terra e do fogo,
Do ar e do mel,
Do choro e o maior riso que ouvi.
Intenso,
Volátil,
Delicioso.



"Samurai",
escultura em
osso de baleia.



soupo



"A esfinge e sua família",
escultura em pedra talco
e madeira de Fernando Bras.

Fernando é escultor em Foz do Iguaçu, Pr.



Duas cicatrizes

- Você não pode tirar a camisa?
- perguntou a doutora Xiao.

- Mas as agulhas não são para orelhas, cabeça, nuca? – devolvi. Por motivos óbvios nunca, ou quase, tirei camisa na frente de alguém. Engordei muito, minha barriga é enorme e as mamas cresceram, meu tronco ficou uma massa de gordura amorfa, desproporcional ao resto do corpo, horrível. Enfim, não há auto-estima que agüente.

- Você reclama de estresse, reclama de dor no lado esquerdo, costa, tem que tirar a camisa – ordenou Xiao, acupunturista chinesa, velha, parecia ter 60 anos, baixinha, gordinha, atarracada.

- Você não quer emagrecer? Mulheres me procuram para aplicar agulhas para emagrecer. – sugeria Xiao enquanto as minhas protuberâncias saltavam fora da camisa.

- Não. - respondi secamente. Só estresse, insônia e dor no lado esquerdo, costa. Pode apagar as luzes? – emendei rapidamente, nervoso.

- Não, tenho que aplicar as agulhas, antes. O que são essas cicatrizes nas costas? – perguntou Xiao.

A resposta já havia treinado com outros médicos, com outras mulheres, amigos e com aqueles que flagravam as duas cicatrizes simétricas, de cinco centímetros, na altura das escápulas.

- Eram duas asas que foram cortadas para eu poder viver entre os simples mortais.

Doutora Xiao abriu um sorriso de dentes amarelos, com um grampo em prata no dente incisivo esquerdo.

- Não precisa responder. Vamos fazer as aplicações e você vai melhorar. - afirmou

- Eu simplesmente nasci assim. Agora dói e muito, mas só no lado esquerdo.

As aplicações seguiram por meses, duas vezes por semana, às terças e quintas. Xiao Kwan me atendia, fazia as aplicações, apagava a luz do seu consultório – uma sala ampla, anexo à sua casa – e eu

dormia por uma hora numa maca grande, macia, acolchoada e coberta por um perfix branco.

As nossas conversas eram lacônicas. Xiao parecia entender o segredo das minhas cicatrizes. Falava do seu filho Huang, um administrador de empresas com uma loja no Paraguai e de sua filha Li Yu Ting, que fazia jornalismo na Universidade de Londrina.

Aos poucos fez outras perguntas integrantes: - Você fuma, bebe...trato muitos jovens dependentes, entende?

A resposta foi um não, cheio de muxoxo.

Detestava qualquer tipo de intromissão até conhecer Li Yu, estudante de jornalismo. Alta, 1,74 metros, magra, esguia, bonita e com bunda.

- Minha mãe já te atende. Ela disse que você é jornalista. Estou me formando, no último período, estágio e TCC. Quero trabalhar na televisão.

Essa porra de chinesa não é chinesa. É bonita, tem bunda, pense

rápido, responde alguma coisa.

- O jornalismo na TV é uma bosta. Os repórteres são mal preparados, tem cumprir três, quatro, cinco pautas por dia e os âncoras são todos clones daquele casal global.

Putá que pariu. Não tinha sido pior. A chinesa gostosa não ia mais dirigir uma palavra para mim.

- Minha mãe já vem. – disse. Eu sabia. Como nunca me dei bem com as mulheres. Como sempre, fiquei sem jeito e falei aquele monte de besteiras.

Xiao veio com as suas agulhas. Suas mãos cheiravam comida, tempero, algo meio acre que invadiu minhas narinas. É bem provável que estava cozinhando algo. Aplicou as agulhas, passou a mão nas minhas cicatrizes. Dois minutos e...dormi.

- Minha filha gosta dos teus textos. Ela disse que sua reportagem sobre os idiomas da fronteira foi lida em sala de aula. – acordou-me Xiao num sobressalto de um sonho recorrente no qual sempre estou numa sala de aula,

repetindo as aulas do curso de Letras. Sempre fui péssimo aluno.

- Ah, sei, a de multilingüismo.

A professora foi minha amiga e gostou da matéria, apesar de não guardar boas recordações minhas. Sempre detestei técnicos, professores, mestres, doutores – esse pessoal da academia que se acham um bando de iluminados. Essa professora quando disse que ia continuar namorando uma bailarina, correu fazer o exame da aids.

- Minha filha, faz do-in, massagens, você não quer?

Foi dessa forma que não resisti Li Yu. Suas mãos eram tão macias quanto as minhas. Seu olhar de uma cumplicidade imensa com as minhas ereções voluntárias. Pouco me importava. As sessões de acupuntura naqueles dois meses de junho e julho passaram para as segundas, quartas e sextas. Duas horas, entre às 13h e às 15h.

Algumas vezes adiantava as matérias na redação e remarcava as sessões para as 19h. Li Yu me

atendia. Era minha droga. A expectativa me dava taquicardia. Suas mãos passeavam pela minha barriga, meus calos sebosos, minhas hérnias inguinais, virilhas, coxas, peitos, pernas, braços.

Sutil, delicada, Li Yu retirava minhas mãos quando tocavam seus braços ou suas pernas. A maior parte do tempo, eu fechava os olhos. Curtia. Li Yu não falava.

Me acordava tocando meus peitos ou minhas cicatrizes. Enquanto me vestia, adiantava a conversa. Queria saber sobre métodos de escrever, literatura, pautas. E eu me fingia de zangado, atacava os éticos, destroçava os colunistas que se voltavam ao próprio umbigo e invariavelmente metia o conselhão: - a notícia é mais importante do quem escreve ou narra. Grande porcaria.

Li Yu sucumbiu aos meus encantos e mais a minha insistência: - Aqui não. Sempre dizia. Comecei a freqüentar outros aposentos da casa/consultório. Passei a comer comida chinesa, frango xadrez,



*Arte em boa
companhia*



CASA DO TEATRO
Telefone: (45) 3572.1473

MEGAFONE

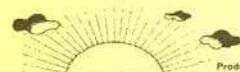


**Projeto
de comunicação
cidadã**

www.megafone.inf.br

**EUQUES
Cozinha Natural**

Saborosa e saudável!!



Produtoras: Robert e Betty Stephenson

Celular (45) 8809 6204
E-mail: euques@hotmail.com
Estrada Velha de Guarapuava
Lote Grande - Foz do Iguaçu - Pr.



**Sabor
do Sítio**

Todos os dias Café Colonial*

(45)9935.3793

(45)3028.4003

**Rua Marechal Deodoro, 961 - Centro
Foz do Iguaçu - PR - CEP: 85851-030**

camarão frito, tepanyaque, yaquisoba, rolinhos primavera.

Passamos a nos encontrar nos motéis da Costa e Silva, nas ruas escuras do centro, no carro de sua mãe, uma Belina velha, mas conservada e ampla. E Li Yu, no seu último período de curso, entre o estágio e o TCC que ajudei a fazer, passou a voltar para Foz todos os finais de semana.

- Você não emagrece, mas parece que está melhor. Dorme mais agora? Parou de doer as costas? – cobrava Xiao.

- Durmo mais sim, mas as costas continuam doendo, só que menos do que era antes. São dores suportáveis – dizia.

- Você nunca me conta a verdade sobre essas cicatrizes, por que elas incham de vez em quando? – cobrava Li Yu, que gostava de beijá-las, lambê-las, senti-las.

- Eu não sei. Eu nasci assim. Teve ter sido algum instrumento na hora do parto. Ou algo tão traumático que meu cérebro deletou.

Nunca convenci Li Yu. Suas perguntas aumentaram. Queria compromisso. Não sabia da argentina, a bailarina, nem da alemoa, a missionária do Cimi. Minha paciência estava no limite. Li Yu queria sair, ir aos bares. Eu não. Li Yu queria visitar os amigos. Eu não. Li

Yu queria trabalhar na televisão, eu a desestimulei, a proibi. Li Yu perguntava das cicatrizes.

Acabei com as sessões de acupuntura. As dores, a insônia, o estresse, tudo voltou. Não falei mais com a doutora Xiao, nem com Li Yu. Achei que não devia, aliás sempre acho que não devo. É uma espécie de proteção e desconsideração juntas.

Vi no obituário do jornal que ficava ao lado consultório na Jorge Samways que Xiao havia morrido. Não tinha 60 como pensava, eram 57, mas me parecia velha mesmo. Não liguei para Li Yu. Não devia.

Um amigo, velho, alcoólatra, bom jornalista, convidou para almoçar – Tem um restaurante novo. Comida japonesa e chinesa. É barato. Fui. O restaurante era na casa/consultório de Xiao. Seu filho Huang fechou a loja no Paraguai e abriu o restaurante. No caixa, Li Yu.

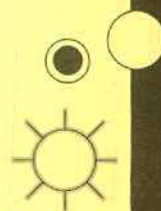
- Você emagreceu. Leio seu blog. Ah, eu vou ancorar um programa sobre as etnias da tríplice fronteira na TV á cabo.

- As TV's fechadas são umas bostas.

Li Yu riu. Ri também. Trocamos telefones, e-mails. Ela me adicionou no meu MSM. Minhas duas cicatrizes doem muito, latejam tanto. Ah, fodam-se. ☼



Desenho (original colorido) de Walpi,
artesão argentino, radicado em Puerto Iguazu, Misiones, Argentina.



olhos

Um acidente
Na paisagem
Ninguém e nada
Uma árvore queimada
Madeira e homem
Solidão do mundo
Natureza ácida.

Fronteiras
que se repetem
ciclo limite
exaltação
atropelos
um fim
de século
ao meio-dia
circunstancial
inédito só
as pernas do sol.

O umbigo transborda
o éter
alva, lisa
sem marca
de cansaço
epiderme de mulher
o mar do nome
doce, leve
peixe
a dança refresca
o belo namora
a boca e as pernas.

A mão escuta
o papel
toca a letra
um corpo
vaza o desenho
a boca resume
o traço
pássaros
cachoeiras
um bordado
que imita
a virtude
e a transparência
das águas.

almandrade

MEDITAÇÃO 2

O corpo encontra
a fala.
Uma pedra de sal
e uma lembrança
nas costas.
o pensamento
enfraquecido
de tanto resistir
é um líquido
derramado

MEDITAÇÃO 1

A terra com
suas estranhas
gargalhadas
desperta
a impossibilidade.
Uma cidade no escuro.
O futuro é poeira.
Sonho de amanhã
que o vento leva
além das margens
e dos manguês.

RETORNO

O sonho
arranca a verdade.
Olhar é ter
a tarde remota,
aqui.
Um sopro perdido
no meio de cálculos,
uma experiência
desafia o sonâmbulo.
Agora é dia,
o sol queima a letra.

A RAZÃO EM COMA

Pobres bibliotecas vazias
sem títulos e sem Borges,
O tempo, indiferente
ao jogo dos relógios,
não é mais dos livros.
O saber é um desconforto
de uma civilização
que vive ao redor do imediato
e humilha a memória.



infância

Criança avá guarani fotografada por **João Augusto Albuquerque**, ator e estudante de pedagogia em Foz do Iguaçu, Pr.

Plano Nacional de Cultura, investimentos e diversidade cultural

Participei do Seminário do Plano Nacional de Cultura (PNC), na etapa do Paraná, realizado pelo Ministério da Cultura (MinC), em Curitiba, contribuindo com o Grupo de Trabalho cujo tema abordado foi "Ampliar a participação da cultura no desenvolvimento socioeconômico sustentável".

Sempre defendi a atividade cultural e artística como um dos pilares mestres para o desenvolvimento de uma sociedade e, já que ainda vivemos em um sistema altamente capitalista, defendo também essa atividade inserida no plano econômico, com suas formas específicas de produção, circulação, comercialização e consumo. Não enquanto Indústria Cultural, um cancro na produção cultural e artística, que impele a população a consumir o lixo que esta indústria nos coloca goela a baixo, mas a cultura e arte enquanto forma de expressão de comunidades e de expansão e troca de conhecimentos, enquanto produtos que podem e devem ser consumidos sem moderação.

Várias propostas foram levantadas, entre elas a criação de cursos livres, técnicos e superiores de formação, pesquisa, qualificação e atualização profissional; o estímulo ao desenvolvimento da economia da Cultura; o fortalecimento da economia solidária; o incentivo aos pequenos e médios empreendedores culturais; o estímulo à organização dos trabalhadores da cultura em associações, cooperativas e sindicatos; a informação sobre marcas, certificações, patentes, domínio público e direito autoral; a

regulamentação dos direitos sociais dos trabalhadores da cultura, entre outras mais específicas de cada área, passando de 80 propostas, algumas inclusive de incentivos fiscais, que certamente serão barradas pelo Ministério da Fazenda.

Falando em incentivos fiscais dois pontos foram discutidos também neste grupo de trabalho: a Lei Rouanet de Incentivo à Cultura e a descentralização das ações do MinC.

No primeiro tema, ficou claro que a Lei Rouanet não se mostra um instrumento para financiamento de pequenos produtores. É de difícil acesso, burocrática, privilegia os grandes projetos e mais de 90% dos recursos captados são oriundos de empresas estatais, ou seja, dinheiro público, exatamente como a verba do MinC. Quando a lei foi criada a intenção era angariar recursos de empresas privadas, tendo como contrapartida os benefícios fiscais. O MinC estuda a possibilidade de substituir a Lei Rouanet pelo Programa Brasileiro de Financiamento e Fomento da Cultura. Não sei se é o caminho.

No que diz respeito às ações do MinC, destacou-se o "Ponto de Cultura", parte do Programa Cultura Viva, que financia iniciativas desenvolvidas pela sociedade civil, através de convênio por meio de seleção por editais públicos. Hoje existem mais de 650 Pontos de Cultura, segundo o Ministério, mas estes números ainda são baixos, levando-se em consideração o tamanho do país.

O que se tem de concreto é que o Ministério não interioriza suas ações, concentra a maioria delas no Nordeste brasileiro e é inacessível à maioria dos pequenos municípios espalhados pelos rincões do país, não valorizando, desta forma, a riqueza de nossa diversidade cultural. Sem a regionalização de suas ações, o MinC continuará sendo um órgão distante da maioria dos produtores culturais.



Carlos Luz é poeta e ativista cultural em Foz do Iguaçu

Visão com estilo

Principais marcas em armações e lentes para óculos de sol e grau.

Óticas Lunelli

DIESEL



kipling

Transitions



pierre cardin



Ganhe 20% nas compras à vista
ou 10% nas parceladas em 6x sem juros.

Rua Almirante Barroso, 1523

Fone: (45) 3028-4415

Avenida Brasil, 1020

Fone: (45) 3574-4414

Foz do Iguaçu - Centro - oticaslunelli@yahoo.com.br

SuQtel

pastelarias

lanches rápidos
doces & salgados
assados
pão de queijo

sucos naturais e de polpas •
chocolate quente •
café •

FOZ DO IGUAÇU

• Rua Quintino Bocaiuva, 653, Centro
(Quase esquina com Av. Brasil)

Telefone: (45) 3572.5272

• Rua Xavier da Silva, 649, Centro
(Em frente à Prefeitura Municipal)

Telefone: (45) 3523.9101

JOINVILLE - SC

Rua XV, Centro.

Telefone: (47) 3433.4650

NOSSOS CLIENTES COMPLETAM NOSSA EQUIPE!



Documentários
Audiovisuais
Videoclipes
Comerciais
Vinhetas
Filmes



ZEPÄ

cine & video

Rua José Vicente Ferreira, 413
Foz do Iguaçu | PR
fone/fax: (45) 3028 2129
zepacinevideo@gmail.com

Nossa campanha começou agora,
mas faz 125 milhões de anos que tem
showmício todos os dias.



Vote
**CATARATAS
DO IGUAÇU**

Para uma das novas 7 maravilhas
da natureza

Essa Maravilha
É NOSSA

A beleza das Cataratas do Iguaçu é motivo de orgulho para brasileiros e argentinos. Agora, esse Patrimônio Natural da Humanidade precisa do seu voto para ser uma das 7 Novas Maravilhas da Natureza.

Acesse www.votecataratas.com e participe.